



Oficinas pedagógicas para uma **EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Junior Cunha (Org.)

Francy Rodrigues da Guia Nyamien (Coord.)



Oficinas pedagógicas para uma
EDUCAÇÃO INCLUSIVA



TC 140/18-SETI/USF/UGF

Oficinas Pedagógicas Inclusivas em Educação Especial
Projeto financiado com recursos do FUNDO PARANÁ,
Programa de Extensão Universidade Sem Fronteiras.
Superintendência Geral de Ciência,
Tecnologia e Ensino Superior.

www.seti.pr.gov.br

Junior Cunha (Org.)
Francy Rodrigues da Guia Nyamien (Coord.)

Oficinas pedagógicas para uma
EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Primeira Edição E-book



TOLEDO – PR
2020

Copyright 2020 by
Organizador
Gerente Editorial
José Dias
Revisão Final
Luana Aparecida de Oliveira
Design Gráfico e
Diagramação
Junior Cunha
Capa
Junior Cunha

Instituto Quero Saber
CNPJ: 35.670.640./0001-93
www.institutoquerosaber.org
editora@institutoquerosaber.org

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

032 Oficinas pedagógicas para uma educação inclusiva.
/ organizador, Junior Cunha; coordenadora
Francy Rodrigues da Guia Nyamien. 1. ed.
e-book - Toledo, Pr: Instituto Quero Saber,
2020.
206 p.: il; color.

Modo de Acesso: World Wide Web:
<<https://www.institutoquerosaber.org/editora>>
ISBN: 978-65-51210-00-6

1. Educação especial. 2. Autismo. 3. Dislexia.
4. Inclusão. 5. Deficiência. I. Título.

CDD 22. ed. 371.9

Rosimarizy Linaris Montanhano Astolphi – Bibliotecária CRB/9-1610

Todos os direitos reservados ao Organizador

*Os textos aqui publicados são de exclusiva
responsabilidade dos seus respectivos autores*

SUMÁRIO

Prefácio

*Francy Rodrigues da Guia Nyamien
e Luana Aparecida de Oliveira* 9

Apresentação

Junior Cunha..... 13

Capítulo 1

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Letícia Strossi de Oliveira 17

Capítulo 2

SURDEZ E DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Elora Marques M. da Silva..... 35

Capítulo 3

DEFICIÊNCIA VISUAL: noções introdutórias

Junior Cunha..... 57

Capítulo 4

DESCONSTRUINDO BARREIRAS: inclusão e acessibilidade da pessoa com Deficiência Física no meio escolar

Rosana Leal Santiago..... 75

Capítulo 5

COMO PENSAR A INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Elora Marques M. da Silva..... 87

Capítulo 6

SÍNDROME DE DOWN: um outro olhar

Lucas Antonio Vogel..... 101

Capítulo 7

AUTISMO: conhecendo esse mundo

Lucas Antonio Vogel..... 121

Capítulo 8

ALTAS HABILIDADES: barreira ou vantagem?

Letícia Strossi de Oliveira..... 145

Capítulo 9

DISLEXIA: reflexões acerca dos Transtornos Específicos de Aprendizagem

Rosana Leal Santiago..... 165

Capítulo 10

O TEATRO DO OPRIMIDO COMO MÉTODO PEDAGÓGICO PARA PESSOAS COM TDAH

Junior Cunha..... 181

Posfácio

Marcos Freitas de Moraes 201



Capítulo 10

**O TEATRO DO OPRIMIDO
COMO MÉTODO PEDAGÓGICO
PARA PESSOAS COM TDAH**

Junior Cunha

JUNIOR CUNHA

Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *Campus Toledo-PR*. Desenvolve pesquisa nas áreas de Teatro e Filosofia com enfoque em William Shakespeare. É autor de *Educação e Direitos Humanos* e *A filosofia de Nietzsche: noções introdutórias*. Para mais, escreve e publica, sobretudo, nos campos da Filosofia Política e da Ética. É integrante do projeto de extensão Oficinas Pedagógicas Inclusivas em Educação Especial e subcoordenador dos cursos de extensão Produção de Artigos Científicos e Bobbio Originale: *L'età dei diritti*.

INTRODUÇÃO

O Teatro do Oprimido se trata de um conjunto de exercícios, jogos e técnicas teatrais que, devidamente aplicadas como método pedagógico, podem contribuir para o estabelecimento, manutenção e equilíbrio de relações interpessoais, estimular a criatividade e dar espaço à espontaneidade, para mais, é eficiente como ferramenta de transformação do comportamento humano e mudanças na *práxis* social. Aplicável a todo e qualquer indivíduo, o Teatro do Oprimido, empregado como método pedagógico para pessoas com TDAH auxilia no desenvolvimento de habilidades para o aprendizado e fixação de conteúdos didáticos.

A utilização pedagógica do Teatro do Oprimido pode oferecer ao(a) aluno(a) o desenvolvimento de habilidades essenciais ao aprendizado, como: criatividade, imaginação, memória e autonomia. Além de servir como recurso prático na resolução de problemas cotidianos. O teatro, em geral, é um estimulante das capacidades individuais e da integração coletiva. Nesse sentido, pessoas com TDAH, assim como as demais, podem encontrar no Teatro do Oprimido um potencializador de sua criatividade e interações sociais. Quando o(a) participante dos jogos cênicos se sente incluso(a) no grupo, questões que tangenciam a individualidade, como vencer ou ser o(a) melhor, são suplantadas pelo estímulo de se estar pertencendo a uma equipe/elenco.

No tangente aos avanços individuais no que se refere a alunos(as) com TDAH, ao analisarmos as práticas comuns de ensino-aprendizagem, isto é, cópia e memorização forçada, o déficit

educacional é ainda maior do que em alunos(as) sem o transtorno, isto pois, segundo Vasconcellos (2013, p. 22):

Na criança com TDAH nem a cópia nem a memorização interferem, ou melhoram a aprendizagem. A memorização só acontecerá de modo significativo quando trabalhada em atividades lúdicas. Brincando a criança consegue entender e registrar conteúdos que de outra forma não conseguiria. A aprendizagem será uma mera reprodução dos conteúdos das disciplinas através de memorização que serão verificadas (medidas) com as avaliações. Ou seja, não existirá abertura para que o aluno explore, manipule, formule e exponha seu ponto de vista, suas conjecturas sob determinado conhecimento.

Atividades lúdicas, em especial o Teatro do Oprimido, nesse sentido, oferece ao(à) aluno(a) a possibilidade de aprender conteúdos específicos de diversas disciplinas agrupados em um único exercício teatral. Continua Vasconcelos (2013, p. 22):

A cópia é para ela [criança com TDAH] um processo mecânico, cansativo, que na maioria das vezes não consegue concluir. Em desvantagem deixa de participar da ação. Ela precisa da adaptação para acomodar-se ao grupo e da atividade lúdica para assimilar o conteúdo, tornando a aprendizagem significativa, viabilizando a sua participação.

Logo, exercícios cênicos elaborados e aplicados com finalidade pedagógica proporciona ao(à) aluno(a), com ou sem TDAH, uma maneira de pôr em prática aquilo que aprende ao mesmo tempo em que está aprendendo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O pediatra George Still, em 1902, fez a primeira descrição do que hoje chamamos de TDAH. Still se baseou em casos clínicos de crianças com hiperatividade e outras alterações de comportamento que não podiam ser explicadas por falhas educacionais ou ambientais,

mas que deveriam ser provocadas por algum transtorno cerebral ainda desconhecido.

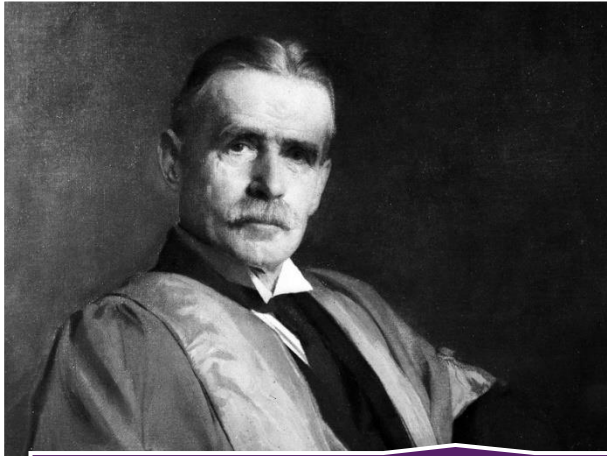


FIGURA 1: George Frederic Still (1868-1941)

Crianças com TDAH, dado suas dificuldades de se concentrarem e fixarem sua atenção em determinada atividade, apresentam alto nível de ansiedade o que pode resultar no desenvolvimento de quadros de depressão e apatia durante o processo de aprendizagem. O esforço excessivo que a criança faz para corresponder as exigências estipuladas pelo professor ou o educador acaba agravando sua desatenção, isto é, crianças com TDAH quando colocadas sob pressão se tornam ainda mais desatentas. Quanto maior o nível de desatenção que a criança atinge, maior será o sentimento de exclusão. Como a criança com TDAH não consegue se adaptar e atender as mesmas expectativas de crianças sem o transtorno, elas acabam se sentindo não incluídas no meio em que estão inseridas.

A elaboração de didáticas para crianças com TDAH esbarra na dificuldade de reconhecer e conciliar os estímulos adequados aos que tem o transtorno e aos que não tem. O fato de crianças com TDAH não fixarem a atenção em determinada atividade é justamente pela falta de estímulos adequados a sua situação. O comum é que crianças com o transtorno tendam a cobrir o maior número possível de

informação, isto é, ao invés de se focarem em algo em específico e estabelecer uma direção fim, eles tentam captar tudo que está a sua volta. Como consequência, ao executarem determinada atividade qualquer coisa ao seu redor lhes chamam a atenção.

A questão é que crianças com TDAH têm maior dificuldade em aprimorar a atenção voluntária:

A atenção voluntária nos permite fazer uma escolha do objeto a que voltaremos nossa atenção. Essa atenção, a voluntária, nos leva a focalizar um determinado objeto, “desligando-nos” dos demais estímulos que estão ao nosso redor. [...] ao longo de nosso desenvolvimento, vamos substituindo estímulos externos por estímulos internalizados e somos capazes de dirigir, voluntariamente, nossa atenção para elementos do ambiente que temos definido como relevantes (TANAKA, 2008, p. 66).

Desse modo, crianças com TDAH enfrentam várias dificuldades em atividades comuns no dia a dia das escolas, por isso a importância em se pensar metodologias que procure atender as necessidades de quem possui o transtorno. Além da desatenção, as crianças com TDAH possuem hiperatividade e impulsividade. A partir da intensidade dessas características se determina o modo como o TDAH se apresenta, que pode ser: combinado, predominantemente desatento e predominantemente hiperativo (OLIVIER, 2018, p. 80):

- **Combinado:** Quando os sintomas igualam-se em desatenção, hiperatividade e impulsividade.
- **Desatento:** Quando os sintomas pendem para a desatenção, variando desde simples desatenção até grande alienação.
- **Hiperativo-Impulsivo:** Quando os sintomas aliam-se à hiperatividade-impulsividade.

A Cartilha sobre TDAH elaborada pela Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA, p.13) traz as seguintes informações:

A Associação Americana de Psiquiatria, através de uma publicação oficial chamada Diagnostic and Statistic Manual

(DSM, que está na sua quinta edição, a DSM-V), propõe que para se diagnosticar TDAH devem estar presentes no mínimo 6 de uma lista de 9 sintomas de desatenção e/ou, no mínimo, 6 de uma lista de 9 sintomas de hiperatividade e impulsividade.

Conforme o DSM-V (2014, p. 59) os sintomas da desatenção são:

- a. Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades (p. ex., negligencia ou deixa passar detalhes, o trabalho é impreciso).
- b. Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas (p. ex., dificuldade de manter o foco durante aulas, conversas ou leituras prolongadas).
- c. Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente (p. ex., parece estar com a cabeça longe, mesmo na ausência de qualquer distração óbvia).
- d. Frequentemente não segue instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho (p. ex., começa as tarefas, mas rapidamente perde o foco e facilmente perde o rumo).
- e. Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades (p. ex., dificuldade em gerenciar tarefas sequenciais; dificuldade em manter materiais e objetos pessoais em ordem; trabalho desorganizado e desleixado; mau gerenciamento do tempo; dificuldade em cumprir prazos).
- f. Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado (p. ex., trabalhos escolares ou lições de casa; para adolescentes mais velhos e adultos, preparo de relatórios, preenchimento de formulários, revisão de trabalhos longos).
- g. Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (p. ex., materiais escolares, lápis, livros, instrumentos, carteiras, chaves, documentos, óculos, celular).

- h. Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos (para adolescentes mais velhos e adultos, pode incluir pensamentos não relacionados).
- i. Com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas (p. ex., realizar tarefas, obrigações; para adolescentes mais velhos e adultos, retornar ligações, pagar contas, manter horários agendados).

Conforme o DSM-V (2014, p. 60) os sintomas da hiperatividade e impulsividade são:

- a. Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira.
- b. Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado (p. ex., sai do seu lugar em sala de aula, no escritório ou em outro local de trabalho ou em outras situações que exijam que se permaneça em um mesmo lugar).
- c. Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado. (Nota: Em adolescentes ou adultos, pode se limitar a sensações de inquietude.)
- d. Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente.
- e. Com frequência “não para”, agindo como se estivesse “com o motor ligado” (p. ex., não consegue ou se sente desconfortável em ficar parado por muito tempo, como em restaurantes, reuniões; outros podem ver o indivíduo como inquieto ou difícil de acompanhar).
- f. Frequentemente fala demais.
- g. Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída (p. ex., termina frases dos outros, não consegue aguardar a vez de falar).
- h. Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez (p. ex., aguardar em uma fila).
- i. Frequentemente interrompe ou se intromete (p. ex., mete-se nas conversas, jogos ou atividades; pode começar a usar as coisas de outras pessoas sem pedir ou receber permissão; para adolescentes e adultos, pode intrometer-se em ou assumir o controle sobre o que outros estão fazendo).

O Teatro do Oprimido e seu uso como método pedagógico

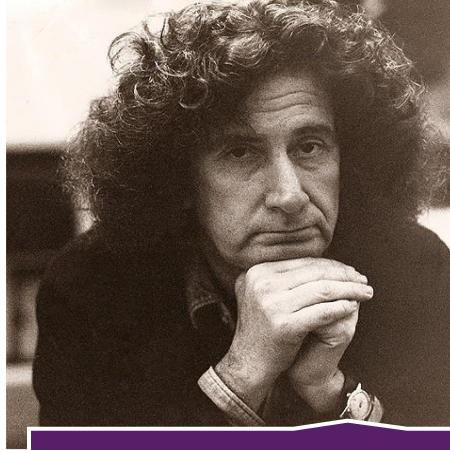


FIGURA 2: Augusto Boal (19931-2009)

Elaborado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal (1931-2009), o Teatro do Oprimido é um método teatral constituído por vários exercícios, jogos e técnicas de teatro. Destinado a qualquer pessoa em qualquer idade, o método de Boal, segundo Luz e Silva (2018, p. 125):

Constituindo-se de uma arma de luta para libertação de todos os oprimidos do mundo, que tenham a intrepidez e aspiração necessárias para transformar suas realidades. Para estes, o teatro do oprimido possui um método com ferramentas e técnicas capazes de transformar a vida dos indivíduos, resgatando os interesses que geralmente lhes são podados na sociedade.

A interpretação que Boal tem do ser humano é que este é um "ser teatro": possui em si o poder de ser o autor e protagonista de sua história. Nesse sentido, para se deixar de ser um mero "espectador" e passar a ser "ator", é necessário conhecer o próprio corpo, nosso meio de expressão. Ter ciência de nossas limitações é o primeiro passo para criarmos meios de superá-las.

De acordo com Boal (1996, p. 29) “o Teatro do Oprimido desenvolve-se em três vertentes principais: educativa, social e terapêutica”, que podem ser identificadas nas técnicas que compõem o Teatro do Oprimido, por exemplo, teatro jornal; teatro imagem; teatro invisível; teatro fórum e o teatro legislativo. Os exercícios do Teatro do Oprimido buscam atingir todos os âmbitos de nossas vidas, desse modo, quando nos dispomos participar de atividades pensadas a partir do método de Boal, nos exercitamos por inteiro, indo da memória a musculatura, do sensorial a imaginação e a emoção.

Teatro jornal: de acordo com Vasconcellos (2013, p. 94):

O teatro jornal tem na sua metodologia a transformação de notícias de jornal ou qualquer outro material não dramático em cenas teatrais. O que permite à criança desenvolver a imaginação, a fantasia e a criatividade. Possibilita descobrir afinidades com o texto definindo o papel que poderá assumir. Nesta técnica, encena-se o que se perdeu nas entrelinhas das notícias censuradas, criando imagens que revelam silêncios.

A partir de notícias de jornais, matérias de revistas, postagens em blogs e redes sociais, programas televisivos etc. é possível fazer com que os(as) alunos(as) mergulhem em um novo mundo. Com o estímulo correto e com o material muito bem escolhido é possível trabalhar qualquer tema de qualquer disciplina. Além de ser atrativo para os(as) alunos(as) em geral, no que se refere aos que possuem o TDAH, é um meio de lhes proporcionar vários materiais os(as) deixando livres para passarem de uma informação para outra, ao invés de ficarem presos(as) a um conteúdo específico de um livro didático, da lousa ou tendo de prestar atenção somente no professor que explica determinado assunto.

O ponto chave para se trabalhar as três principais características do TDAH – desatenção, hiperatividade e impulsividade – será no momento de transformar as informações obtidas em cenas teatrais. Por ser uma atividade em que a criatividade fala mais alto do que a disciplina, a desatenção será compensada pelo interesse em participar ativamente da atividade. E como no teatro cada ator deve

aproveitar ao máximo suas exclusivas características, a hiperatividade deve ser pensada não como empecilho à prática teatral, mas como um elemento a ser considerado e utilizado no momento de criação dos personagens. Dessa forma, papéis que exigem mais animação e movimentos acentuados podem ser executados com perfeita maestria por pessoas com TDAH.

É importante lembrar que o Teatro do Oprimido se trata justamente de dar voz aos oprimidos, isto é, permitir os mais diversos modos de se expressar. Portanto, as cenas devem ser montadas não com o rigor e concatenação exigidos por alguns diretores de teatro, mas permitindo que os(as) alunos(as) se expressem da maneira que se sentirem mais confortáveis. Nesse sentido, efetivamente os(as) estudantes são autores e protagonistas das cenas que representam. No caso das crianças com TDAH, isso permitirá que elas manifestem sua impulsividade como elemento da dramaturgia.

Teatro imagem: no teatro imagem se busca a expressão de linguagens não verbais, ou seja, os participantes criam imagens apenas com poucos ou nenhum objeto e seus corpos. A ideia é que se faça composições corporais que se atenda a determinado tema ou expresse um problema ou conflito individual ou do grupo que participa da cena. A partir do tema ou problema selecionado para então criar a imagem/cena, busca-se que os sentimentos advindos dessas questões sejam também expressados no momento de compor a cena, dessa forma tanto os sentimentos como o problema em si são transformados em imagem concreta. Para Boal (2011, p. 88 *apud* VASCONCELLOS 2013, p. 97):

Um movimento corporal é um pensamento. Um pensamento também se exprime corporalmente. É fácil compreender isso observando os casos mais evidentes: a ideia de comer pode provocar salivação [...], o amor pode provocar um sorriso, a raiva pode provocar o endurecimento da face.

A importância das imagens/cenas é que elas não são desligadas da realidade, assim como vão além de uma simples expressão da realidade. São, propriamente, partes da realidade. Mais

ainda, por via das imagens é possível entender as particularidades do mundo e expor nossa perspectiva de determinada questão. Nesse sentido, não há errado ou certo quando se compõe essas imagens, nelas estão contidas a vivência e experiências de um indivíduo ou grupo, assim como seus desejos ou frustrações. O teatro imagem, portanto, é uma ferramenta de autoconhecimento e de superação de nossos medos, o que é de extrema importância para crianças com TDAH.

As crianças com TDAH apresentam problemas que vão além do âmbito da transmissão de conhecimento. Como podemos transmitir o saber a crianças que se sentem inseguras diante do voltar-se para si mesmas, necessário à busca, à associação, à formação da imagem da palavra a ser lida ou do conflito a ser solucionado? [...] elas querem aprender tanto quanto as outras, mas com uma condição: não querem se confrontar com as exigências e pressões do aprendizado. O medo a questionamentos, a exposição pública, afasta de imediato essa criança do convívio coletivo (VASCONCELLOS 2013, p. 97).

Teatro invisível: escreve Vasconcellos (2013, p. 101):

O teatro invisível consiste em atuar representando papéis em lugares públicos, sem que haja conhecimento prévio das pessoas que lá se encontram, de que se trata de uma cena teatral. Aqui a criança desenvolve a capacidade de falar em público, trabalhando a inibição e o medo de se expor diante das pessoas.

Nesse sentido, no teatro invisível a ação teatral é tanto ficcional como real, ou seja, ambas se interpretam. O ator(atriz), portanto, deve estar plenamente consciente dos problemas e conflitos presentes no meio em que se está representando a cena. O teatro invisível busca a aproximação entre os atores/atrizes e os espectadores, fazendo destes o que Boal chama de *espect-atores*, logo, o tema a partir do qual se elabora a cena a ser representada

precisa ser minuciosamente investigado, pensando cada elemento do tema escolhido.

Cabe ressaltar que a participação dos espectadores na cena deve ser feita de forma livre e espontânea, o objetivo do teatro invisível não é expor os personagens que se disponham a participar das cenas, mas colocar determinada questão opressiva em evidência a levando ao debate, donde pode surgir maneiras de remediá-la. Segundo Lemos (2017, p. 21)

No Teatro Invisível, a ação dramática se inicia no impedimento do indivíduo em alcançar o seu objetivo, os atores devem lançar aos espectadores a situação de opressão na qual o personagem se encontra com a intenção de fazê-los posicionar-se. A ação dramática acontece em sua totalidade a partir do momento em que os espectadores agem, momento denominado como fórum.

O teatro invisível, portanto, além de sua ludicidade, se caracteriza por levantar questões políticas, éticas e filosóficas, aguçando o senso crítico de seus participantes. Para alunos(as) com TDAH é uma ótima ferramenta para incluí-los(as) em discussões, permitido assim que também tenham voz e, ainda mais, que sejam ouvidos(as).

Teatro fórum: segundo Lemos (2017, p. 21):

As encenações no Teatro Fórum são embasadas em fatos reais e se referem ao conflito entre personagens oprimidos/protagonista e opressores/antagonista; seus interesses devem ser mostrados de forma clara e objetiva, até o momento em que o oprimido fracassa na ação. Instaura-se então o fórum: momento em que a discussão dramática e teatral do tema proposto se realiza.

O teatro fórum, portanto, se constitui da relação e posterior junção entre o que se passa no palco e plateia. Dessa maneira, a barreira entre palco e plateia é dissolvida e há um diálogo direto entre

atores/atrizes e espectadores. Até o momento que devidamente estimulado o espectador decida entrar em cena onde se tornará o protagonista e deverá propor formas alternativas de agir ante determinada questão. Logo, temos o que Boal chama de *espect-ator*.

O ponto central da dinâmica do teatro fórum, é a necessidade de se aprimorar a consciência de coletividade. Nesse sentido, emergem do espectador os fundamentos éticos e estéticos necessários à discussão de questões pertinentes ao grupo social em que se está inserido. O objetivo é criar caminhos que tangenciem a estética e a política oferecendo soluções para as questões suscitadas durante os debates.

A técnica do teatro fórum ao proporcionar a discussão do que causa opressão, possibilita que alunos(as) com e sem TDAH percebam que enfrentam opressões tanto similares como diferentes.

Teatro legislativo: similar ao teatro fórum, o teatro legislativo discute questões relacionadas a normas e leis que devem ser propostas como meio de resolução de determinado problema. Para melhor execução da técnica é aconselhável a presença de um(a) advogado(a) ou de alguém com amplo conhecimento jurídico. Essa prática consiste em encenar determinado conflito sugerindo leis que poderiam evitá-lo. Posteriormente essas sugestões são discutidas e apresentadas a advogados(as) e/ou quem possua conhecimentos jurídicos.

Para Vasconcellos (2013, p. 116) por meio do teatro legislativo é possível buscar:

[...] a resolução dos conflitos encontrados na sala de aula, no cotidiano escolar, através de acordo e regras elaboradas e discutidas pelo grupo e para o grupo, com o intuito de promover a inserção do leitor TDAH nas atividades práticas, o respeito a suas dificuldades, ao medo de expor em público, que certa forma amenizará a opressão e o preconceito imposto pelo grupo.

Nesse sentido, o teatro legislativo pode proporcionar meios de integração e socialização entre os(as) alunos(as) com e sem TDAH,

além de estabelecer normas que viabiliza uma convivência mais saudável e livre de preconceitos.

APLICAÇÃO

A aplicação da presente oficina é efetivada em três partes: (1) apresentar o TDAH, (2) apresentar o Tetro do Oprimido e as técnicas mencionadas acima e (3) colocar em prática uma delas. A aplicação se dá em 4h, sendo uma 1h para a primeira e segunda parte e 2h para a terceira parte. A efeito de expormos com o máximo de detalhes o modo como a aplicação da oficina foi pensada, segue um relato de sua primeira aplicação, realizada em 15 de junho de 2019. Na ocasião a oficina teve como participantes professoras e professores estaduais e municipais de Toledo-PR.

A primeira e segunda parte da oficina consistiu em expormos, por meio de slides e contando com alguns recursos audiovisuais, como imagens ilustrativas e vídeos do YouTube, o que é descrito sobre o TDAH e o Teatro do Oprimido como método pedagógico nas seções anteriores do presente texto.

Iniciamos a oficina com um breve resumo do que é o TDAH, apresentamos que o transtorno ocorre devido a alterações no funcionamento neurológico das pessoas que possuem o TDAH. Com isso, resultando em atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, baixo rendimento em atividades do dia a dia escolar ou da rotina de trabalho e outros agravantes secundários.

Na sequência, exibimos um vídeo¹ produzido pela Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) com histórias reais de pessoas com o transtorno. O vídeo remete às barreiras que as pessoas com o transtorno enfrentam para se inserirem na sociedade. A compreensão de que o baixo rendimento, a dificuldade de concentrar-se, manter o foco em determinada atividade ou a constante inquietação podem estar atrelados a um transtorno, em grande parte das vezes, não

¹ Cf.: *TDAH - Histórias Reais*. Disponível em: youtu.be/XfAp8_7o6OU. Acesso: em: 24/07/2019.

ocorre. Com isso, não é raro que pessoas com TDAH sejam vistas como preguiçosas, despreocupadas ou indisciplinadas.

As características citadas acima, comuns em pessoas com TDAH, não têm ligação direta com a forma que a pessoa foi educada, se lhe foi ou não atribuído limites, se lhe foi dado ou não afetividade. Em última instância, ao contrário do que algumas pessoas possam pensar, o TDAH não ocorre por conta das “fortes mudanças sociais dos últimos anos”, pelo uso cada vez mais frequente e intenso de aparelhos eletroeletrônicos ou da internet. O fato é que o TDAH é um transtorno neurobiológico com início ainda na primeira infância e que acompanhará toda a vida da pessoa com o transtorno. Para ilustrar o que queremos dizer quando nos referimos ao TDAH como um transtorno neurobiológico, exibimos um vídeo² produzido pela *King’s College London* sobre a temática.

Após a exposição sobre o TDAH e o Teatro do Oprimido, pensado como metodologia pedagógica, passamos para a terceira parte da oficina: pôr em prática uma das técnicas do Teatro do Oprimido listadas anteriormente. Na ocasião optamos pelo teatro jornal.

Iniciamos a terceira parte conduzindo os participantes em uma série de exercícios cênicos, desenvolvidos a partir das técnicas do Teatro do Oprimido. Os exercícios são voltados aos princípios básicos de atuação, como, consciência corporal e consciência espacial. A consciência corporal foi trabalhada em dois momentos: primeiro, por meio de um relaxamento muscular seguido de exercícios de aquecimento. Os participantes são levados a reconhecerem cada parte de seus corpos. Segundo momento, os participantes foram instruídos acerca da respiração diafragmática e seu papel fundamental aos atores/atrizes em cena.

A consciência espacial também foi trabalhada em dois momentos: primeiro, os participantes foram instruídos a andarem por todo o espaço estabelecendo pontos fixos como destino; segundo, ainda em movimento pela sala, os participantes foram instruídos a seguirem alguns comandos, com isso, além de aprimorarem a

² Cf.: *TDAH e o Cérebro*. Disponível em: youtu.be/do2btp6tYTQ. Acesso: em: 24/07/2019.

consciência espacial, também exercitaram a memória e a presença em cena.

Em seguida, os participantes foram divididos em dois grupos e escolheram matérias de revistas, notícias de jornais e charges relacionadas com o TDAH. A partir desses materiais foram orientados a desenvolverem na prática a técnica do teatro jornal, isto é, criarem uma cena pautada nas informações contidas nos materiais escolhidos. Na sequência, os grupos apresentaram as cenas elaboradas e promovemos um diálogo entorno as mesmas.

RESULTADOS OBTIDOS

Com base no diálogo realizado logo após a apresentação das cenas desenvolvidas pelos grupos, a partir da técnica do teatro jornal do Teatro do Oprimido, julgamos que a oficina foi concluída com saldos positivos. Destaca-se, entre eles, o grande envolvimento dos participantes no processo de criação e apresentação das cenas desenvolvidas pelos grupos.

As cenas criadas e apresentadas serviram de mostra do aprendizado dos participantes durante a oficina. Os dois grupos conseguiram criar suas respectivas cenas abordando elementos sobre o TDAH que foram expostos ao longo da oficina e, ainda, os complementando com os materiais disponibilizados para criação das cenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5. ed. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: www.uniespirito.com.br/arquivos/dsm-v-transtorno-dissociativo-de-identidade.pdf. Acesso em: 10/01/2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). *Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade*. (Cartilha). Disponível em: tdah.org.br/cartilhas-da-abda. Acesso em: 10/01/2019.

BOAL, Augusto. *O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. *200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LEMONS, Taiana Souza. *Teatro invisível como experiência na escola*. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Teatro, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LUZ, Bruna dos Santos da; SILVA, Fabio Antônio da. O teatro do oprimido e a partilha do sensível. In: SILVA, Fabio Antônio da; *Et. Al.* (Org.). *O teatro no ensino da filosofia*. 1. ed. e-book. Toledo, PR: Vivens, 2018.

OLIVIER, Lou. *Distúrbios de aprendizagem e de comportamento*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2018.

TANAKA, Pricila Junko. Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico. In: *Construção psicopedagógica* v.16 n.13. São Paulo, dez. 2008. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v16n13/v16n13a04.pdf. Acesso em: 10/01/2019.

VASCONCELLOS, Elaine Livia Molla de. *O teatro do oprimido e sua contribuição na formação da criança com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade*. 2013. 153 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2013.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

FIGURA 1: *Retrato de George Frederic Still ainda no King's College Hospital.* CC by: Coleção Wellcome. Disponível em: wellcomecollection.org/works/qe2gczdp#licenseInformation. Acesso em: 24/07/2019.

FIGURA 2: *Augusto Boal (19931-2009).* Disponível em: memoriasdaditadura.org.br/personalidades/augusto-boal/augusto-boal-2-2. Acesso em: 24/07/2019.

SITES CONSULTADOS

Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA).
Link: www.tdah.org.br.

Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância.
Link: www.encyclopedia-crianca.com.



TC 140/18-SETI/USF/UGF

Oficinas Pedagógicas Inclusivas em Educação Especial
Projeto financiado com recursos do FUNDO PARANÁ,
Programa de Extensão Universidade Sem Fronteiras.
Superintendência Geral de Ciência,
Tecnologia e Ensino Superior.

www.seti.pr.gov.br

Oficinas pedagógicas para uma **EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Oficinas Pedagógicas para uma Educação Inclusiva apresenta elementos essenciais para pensarmos de forma crítica acerca do paradigma da inclusão de pessoas com deficiência e com necessidades educacionais especiais, inclusive para além do âmbito da educação. Nesses termos, ressaltamos que inclusão é a efetivação dos direitos já garantidos por leis; é ter políticas públicas voltadas a esse público alvo; é dar voz e vez ao sujeito como protagonista da sua própria história; é se dirigir à pessoa com deficiência e falar diretamente com ela, e não com quem a acompanha; é respeitar seu tempo de fala; enfim, é considerar como sujeito capaz de exercer sua autonomia, assim como qualquer outra pessoa.

*Francy Rodrigues da Guia Nyamien
e Luana Aparecida de Oliveira*



P.E.E.
Programa Institucional de
Ações Relativas às Pessoas
com Necessidades Especiais
Campus Toledo

